

Passo a Passo

O presidente Fernando Henrique inicia hoje, em Nova Deli, visita de quatro dias à Índia. Como aperitivo, já dissera, antes de sair de Brasília: “Nosso acordo é de base puramente científica, nada nuclear.” Matou assim na casca o boato, em parte conectado às críticas às suas constantes viagens, de que o Brasil pretendia algo mais do que parceria econômica e política com a Índia.

O alvo eram as viagens. Sexta-feira, em artigo no **JORNAL DO BRASIL**, o presidente escreveu que maior projeção externa do Brasil é parte da solução de seus problemas, “num momento em que a globalização da economia internacional é uma realidade irrefutável e irreversível”. Quem se fecha para a comunidade internacional, disse Fernando Henrique, “está fadado à marginalidade, à estagnação e à miséria”.

Índia e Brasil costuraram declaração política, a ser divulgada em Nova Deli, defendendo a participação do Terceiro Mundo no Conselho de Segurança da ONU. Ambos naturalmente são candidatos. A estratégia comum advoga a criação de três vagas, para a América Latina, Ásia e África. Destina-se esta reivindicação a equilibrar o Conselho diante da provável entrada, como membros plenos, da Alemanha e Japão.

Não é necessário depender de localização geográfica, no entanto, para participar do jogo econômico, associar-se, buscar complementação, mercados, conhecimento, como observou, ainda no **JORNAL DO BRASIL**, domingo, o cientista político René Dreifuss. Aproximar-se da Índia só pode ser saudável: é o país dos 100 mil matemáticos, do complexo científico e tecnológico de Bangalore, de vasto leque de classe média de 200 milhões de pessoas.

Mesmo depois de 40 anos de relações diplomáticas, ambos continuam desconhecidos. Seu relacionamento comercial é residual. Pensando nisto, Fernando Henrique se encontrará amanhã, em Bombaim, principal centro econômico indiano, com empresários. Sexta-feira falará aos empresários indianos e brasileiros no Indian International Center.

São curiosas as aproximações entre Brasil e Índia. Ambos se valeram do modelo baseado em grandes investimentos na indústria pesada, com intervenção estatal, estímulos fiscais, proteção tarifária, controle de preços. Nos anos 80 o modelo se esgotou. Ambos iniciaram, nos anos 90, a abertura econômica. O setor público indiano, tal como o brasileiro, carece de autofinanciamento e se debate com excesso de pessoal. Na Índia, o setor ferroviário é o maior empregador do mundo, com 1,8 milhão de dependentes.

A Índia, no entanto, a despeito das castas, tem melhor distribuição de renda do que o Brasil. Como se destacou recentemente, a despeito do subdesenvolvimento, conta com 2 milhões de cientistas e técnicos com pós-graduação, dos quais 70

mil escrevem regularmente para revistas técnicas de reputação internacional — mais que Inglaterra e Japão. Hoje a Índia obedece à política de desenvolvimento conhecida como *passo a passo*, que lhe permitiu sair do modelo socialista baseado na experiência soviética para buscar um lugar junto às economias emergentes do Sudeste asiático. Nos últimos três anos os investimentos estrangeiros subiram a 7 bilhões de dólares e a inflação caiu de 18% anuais para 8%. Ainda há disparidades, evidentemente. Na área da telefonia, só uma pessoa em cada mil tem sua linha. Mas fabricou seu primeiro computador ainda nos anos 50.

Faz parte do fechado clube atômico e é um dos que mais gastam com a segurança: 13% do orçamento, um ponto percentual mais do que a educação. A Índia mantém relações conflituosas com todos os vizinhos, daí a obsessão com a segurança. Com o Paquistão, ao noroeste, existe um estado permanente de guerra, com incursões armadas regulares no território de um e outro. Ao norte, com a China, há tropas concentradas ao longo de toda a fronteira. No sudeste estão os sete territórios proibidos, onde vigora uma *terra de ninguém* povoada por guerrilheiros ligados ao tráfico de droga. Além dos sete territórios, a Índia se divide em 25 estados, bastante independentes, todos eles reproduzindo o sistema parlamentarista herdado do tempo em que era colônia inglesa.

Lá se falam 17 línguas oficiais e pelo menos 2 mil dialetos. Sendo o trauma colonialista recente — a independência data de 1947 — o sentimento xenófobo é uma constante. O nacionalismo se alia à imensa burocracia estatal. A burocracia por sua vez se relaciona com o intrincado sistema de castas que ainda vigora informalmente. Oficialmente existem quatro castas principais, mas, entre castas e subcastas, o número chega a 6 mil — complexa forma de racismo.

Não raro eclodem crises políticas, como a atual, em que três ministros já renunciaram em função de um escândalo de corrupção e outros cinco ministros e três governadores, incluindo até mesmo o primeiro-ministro P.V. Narasimha Rao, podem ser abatidos. Já se está no clima da próxima eleição geral, em fevereiro. Escândalos são às vezes o sal da democracia, principalmente quando se trata da Índia, a maior democracia do mundo, com seus 900 milhões de habitantes.

A inserção internacional preconizada por Fernando Henrique implica conhecimento e digestão das virtudes e percalços dos parceiros comerciais. O presidente brasileiro já foi à China e está agora na Índia: juntos, têm metade da população mundial. E, tal como o Brasil, fazem parte de um mundo no qual, de 38 mil corporações multinacionais, 90% delas estão sediadas em apenas 14 países. Este é o desafio.